

## ***Apresentação do Dossiê***

***“Múltiplos carnavais: Economia e política nas manifestações culturais populares”***

**“Quando o carnaval chegar”:  
Carnavais em múltiplos e variados enfoques**

**“Quando o carnaval chegar”:  
Carnivals in multiple and varied approaches**

**Marina Bay Frydberg**

Como cantou Chico Buarque na música que dá título a este texto, podemos estar parados, calados, sofrendo ou humilhados, mas estamos nos “guardando pra quando o carnaval chegar”. Esta festa que mobiliza milhares de pessoas nas ruas, que popularmente é reconhecido que só depois dela que o ano começa, em que gira muito dinheiro e que mobiliza manifestações apaixonadas, precisa ser estudada em profundidade e a partir de múltiplos enfoques para poder ser compreendida. Projeto levado a sério aqui neste dossiê.

O carnaval, em suas múltiplas expressões, já foi estudado de modo significativo pelas ciências humanas e sociais. Esses estudos buscavam entender o significado da festa carnavalesca para diferentes sociedades e em diferentes tempos históricos. As pesquisas pensavam geralmente o carnaval como espaço de ritual, seja por suas práticas (CAVALCANTI, 1994), seja como momento de inversão da ordem estabelecida (BAKHTIN, 2010; BURKE, 2010; DAMATTA, 1997). Nestes estudos a festa era pensada como um tempo fora do tempo do cotidiano, não só como momento inversão da ordem social, como de expressão de uma identidade popular, muitas vezes transformada em nacional. Construindo a noção do carnaval a partir

dessas perspectivas a maioria dos estudos sobre o tema não se debruçaram sobre a festa e seus desdobramentos econômicos para a população que festeja. A perspectiva de uma economia do carnaval aparece no Brasil em trabalhos recentes, que buscam entender esta festa como espaço de produção, circulação e consumo de bens culturais (FARIAS, 2005; MIGUEZ, 2009).

Entendendo o carnaval como espaço de trocas econômicas, políticas, sociais, simbólicas e afetivas, estudar esta expressão da cultura popular, seja em termos históricos (QUEIROZ, 1999; FERREIRA, 2004) ou nas suas manifestações atuais (GÓES, 2013; GONÇALVES, 2010; HERSCHMANN, 2013), é fundamental para problematizar diferentes e diversificadas práticas carnavalescas. Variados enfoques, como o olhar da performance, da gestão e organização da festa, das políticas culturais, dos processos de patrimonialização, das trocas econômicas e simbólicas, da ocupação urbana, da relação com o território, entre outras abordagens estéticas e teóricas contribuem para, a partir da festa, pensarmos as sociedades que as festejam.

A tradição de se brincar o carnaval foi trazida para o Brasil pelos portugueses e ganhou força a partir da vin-

da da família real em 1808. O entrudo, manifestação popular de origem portuguesa, consistia em atirar nas pessoas objetos que sujassem e molhassem, como por exemplo, bexigas, gesso ou farinha (GÓES, 2013). Em meados do século XIX, o carnaval popular e desordeiro do entrudo passou a ser reconhecido socialmente como sujo e a elite passou a comemorar o carnaval inspirada no modelo europeu dos bailes de máscaras. A partir da segunda metade do século XIX o carnaval passa a ser festejada através das sociedades carnavalescas, organização de pessoas de classe média e alta, que desfilavam fantasiadas, com carros e bandas de música. Inspirados pelas sociedades carnavalescas, as classes populares passaram a se organizar em blocos, cordões e ranchos. O carnaval passa então a ser classificado, segundo Queiroz (1999), em “Grande Carnaval”, modo da elite brincar a festa, e “Pequeno Carnaval”, forma popular da brincadeira carnavalesca.

Foi no final da década de 1920 que surgiram as primeiras escolas de samba, consideradas por muitos estudiosos como uma síntese de todas essas outras formas de brincar o carnaval. O primeiro desfile das escolas de samba aconteceu em 1932, na Praça Onze no Rio de Janeiro, e sagrou campeã a GRES Estação Primeira de Mangueira. O governo, identificando o potencial do carnaval como forma direta de comunicação com o povo, passou a incentivá-lo e organizá-lo (GÓES, 2013). Assim o carnaval das escolas de samba ganhou importância social e em pouco tempo passou a desfilar em grandes avenidas da cidade do Rio de Janeiro, até a construção do Sambódromo em 1984. Criou-se, assim, um modelo de carnaval que inspirou manifestações festivas por todo o país e também pelo mundo.

A festa carnavalesca brasileira, seja das escolas de samba ou do carnaval de rua, passou a fazer parte do calendário festivo do país ajudando na construção da identidade nacional. Mas esse carnaval tão diretamente associado a alguns territórios – como Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Olinda – não é exclusivo deles. O carnaval é uma festa nacional que ganha contornos regionais e locais em diferentes lugares do Brasil, como podemos ver do Rio Grande do Sul ao Amazonas, e com esta sua capacidade dialógica, passa a estabelecer conexões entre diferentes partes do Brasil, como Rio de Janeiro e Uruguai – RS, e também com outras partes do mundo, como Cabo Verde, Argentina e Uruguai. Esta abrangência nacional da festa carnavalesca, com seu potencial transnacional, é uma das características do potencial do carnaval como elemento construtor de identidade e de práticas de sociabilidade.

Outra visão múltipla deste carnaval brasileiro é a possibilidade de variações em termos de linguagem que ele pode assumir. Podemos pensar no carnaval das escolas de samba, dos blocos de enredo, dos blocos de rua, só para citar algumas das suas expressões. Podemos pensar nos luxos dos paetês ou na criatividade dos blocos. Podemos pensar em tempo determinado de desfile ou em saídas intermináveis pelas ruas da cidade. O carnaval é sem dúvida uma festa de múltiplas expressões artísticas e, conseqüentemente, de variados significados possíveis de serem interpretados.

Inserida na atualidade dessa forma de brincar o carnaval, estamos pensando a festa carnavalesca a partir de três dos seus possíveis significados: o carnaval como prática, o carnaval como identidade, o carnaval e sua relação com o território. Prática carnavalesca

entendida aqui como saberes e fazeres que envolvem o mundo do carnaval. Identidade pensada como relacional e situacional que insere o sujeito dentro de determinado grupo social, no caso, o carnavalesco. E a relação com o território pensada a partir de como a prática e a identidade do carnaval ganham contornos territoriais específicos. Nesta tríplice abordagem, muitas vezes impossíveis de serem dissociadas entre si, que está a variação de significados que a festa carnavalesca pode ter para quem a produz e vivencia. Assim, o carnaval pode ser pensado como ritual, mas também como organização. Pode ser pensado como elemento constitutivo do ser, mas também como força política. Pode ser pensado como arte, mas também como negócio. Pode ser pensado como objeto de estudo, mas também como elemento constitutivo da identidade do pesquisador.

O dossiê **Múltiplos Carnavais: Economia e política nas manifestações culturais populares** busca, a partir desse entendimento do potencial da festa carnavalesca, ampliar a discussão a respeito das relações econômicas e políticas que articulam, limitam e reconfiguram as manifestações culturais populares, em especial as múltiplas expressões carnavalescas presentes na cultura brasileira e que servem de inspiração para expressões carnavalescas em outros lugares do mundo.

A prática carnavalesca e as disputas em torno da festa no carnaval de Manaus aparecem pensadas no artigo de Ricardo Barbieri, intitulado *Manaus, 2014: o carnaval que nunca terminou*. Ulisses Corrêa Duarte discute a prática carnavalesca a partir da relação com a identidade e o território da fronteira do Rio Grande do Sul no artigo *Escolas de Samba nos Pampas: textos e contex-*

*tos da interculturalidade no carnaval de Uruguaiana*. Já Leonardo Augusto Bora, no artigo *Bananas e abacaxis nos “quintais” do carnaval carioca – impressões etnográficas sobre a produção de um desfile de escola de samba da Estrada Intendente Magalhães*, problematiza a prática carnavalesca, a partir do duplo olhar de pesquisador e carnavalesco, e da realidade do carnaval dos grupos menos reconhecidos do carnaval carioca.

Os blocos de enredo no carnaval carioca, tantas vezes esquecidos pelos estudos sobre carnaval, são analisados nas especificidades das suas práticas no artigo *Os blocos de enredo do carnaval carioca: identidade e organização*, de autoria de Júlio César Valente Ferreira. Já o carnaval dos blocos de rua do Rio de Janeiro são pensados enquanto prática, identidade e sua relação com a cidade no artigo de Jorge Sapia intitulado *Carnaval de rua no Rio de Janeiro: afetos e participação política*.

Quatro artigos estão pensando sobre a prática carnavalesca como construção de identidades de grupos específicos e na consolidação do imaginário da cidade. Juliana Braz Dias discute o carnaval em Cabo Verde no artigo *O Carnaval do Mindelo, Cabo Verde: reflexões sobre a festa e a cidade*. Carla Lyra pensa no potencial do carnaval nos processos de reestruturação urbana de Recife no artigo *O bairro do Recife e a Economia Criativa: do Carnaval Multicultural ao Paço do Frevo*. Thais Cunegatto problematiza a identidade e o imaginário do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro no artigo *Carnaval, uma festa democrática? Discussão sobre segregação social e o direito à cidade a partir do universo carnavalesco do Rio de Janeiro*. E o carnaval dos blocos de

rua carioca é confrontado na ideia de cultura popular no artigo *Blocos carnavalescos: culturas populares, culturas híbridas no carnaval de rua do Rio de Maria Rita Fernandes*.

Por fim o dossiê se encerra com dois artigos que partem de vivências pessoais da prática carnavalesca para pensar a importância da memória no carnaval, seja na preservação quanto no reconhecimento. Vinícius Ferreira Natal aborda estas questões a partir da sua vivência pessoal na GRES Unidos de Vila Isabel no artigo *Sambantropologia*. E Lucas Garcia Nunes pensa a política cultural a partir da experiência carnavalesca de Mario de Andrade em *Atrás do nosso bloco só não vai quem já morreu - o corpo carnavalesco de Mário de Andrade*.

São múltiplos e variados os enfoques possíveis sobre a festa carnavalesca.

Boa leitura e caiam na folia!

## Bibliografia

- BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: Ed. UnB, 1993.
- BURKE, Peter. O mundo do carnaval. In: *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAVALCANTI, Bruno César. Novos lugares da festa: Tradições e mercados. *Revista Observatório Itaú Cultural*. Nº. 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FARIAS, Edson. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. *Sociedade e Estado*. Brasília, vol. 20, nº. 3, p. 647-688. Set.-Dez., 2005.
- FERREIRA, Felipe. Festejando. *Revista Observatório do Itaú Cultural*. Nº 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GÓES, Fred. Brasil: O país de muitos carnavais. *Revista Observatório do Itaú Cultural*. Nº 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- GONÇALVES, Renata de Sá. *A dança nobre do carnaval*. São Paulo: Aeroplano, 2010.
- HERSCHMANN, Micael. Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. *Revista Intercom*. São Paulo, v. 36, n. 2, p. 267-289, jul/dez 2013.
- MIGUEZ, Paulo. Algumas notas sobre a economia do Carnaval da Bahia. In: CALABRE, Lia (org.). *Políticas Culturais: Reflexões e Ações*. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009.
- QUEIROZ, Maria Isaura. *Carnaval Brasileiro: o vívido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.